

O CONCEITO DE LIBERDADE NO EXISTENCIALISMO SARTREANO

THE CONCEPT OF FREEDOM IN SARTREAN EXISTENCIALISM

Anne Tatila Borges¹
Dielli Caroline Capelli¹
Monia Karine Azevedo¹
Jorge Antonio Vieira²

BORGES, A. T.; CAPELLI, D. C.; AZEVEDO, M. K.; VIEIRA, J. A. O conceito de liberdade no existencialismo sartreano. *Akrópolis*, Umuarama, v. 17, n. 1, p. 13-20, jan./mar 2009.

RESUMO: A filosofia existencial é bastante criticada pelo público geral, em partes devido à sua má compreensão ou distorção de seus conceitos, entre eles o de liberdade. O existencialismo, contudo, é a teoria que apresenta uma conceitualização mais verdadeira sobre o fenômeno do ser livre. A partir disto, o presente trabalho busca entender o conceito de liberdade humana segundo Sartre, esclarecendo-se a oposição deste à ontologia tradicional, ao afirmar que a existência humana precede a essência, a concepção do homem como ser condenado à liberdade. Ainda, a importância do projeto existencial na escolha do ser, bem como a descrição fenomenológica do existir humano a partir de seu contexto (lugar, corpo e tempo).

PALAVRAS-CHAVE: Sartre; Liberdade; Existencialismo; Projeto; Essência; Existência.

ABSTRACT: Existential philosophy is frequently criticized by common sense, partially due to a bad comprehension or distortion of its concepts, specially the concept of freedom. Existentialism, however, is a theory that presents a true conceptualization about the phenomenon of a free being. Thus, this paper searches to understand the concept of human freedom according to Sartre and tries to clarify his opposition to traditional ontology stating that human existence precedes its essence; or a conception of man as a being condemned to freedom, and more, the importance of existential project in choosing his being, as long as a phenomenological description of human existence in context (place, body and time).

KEYWORDS: Sartre; Freedom; Existentialism; Project; Essence; Existence.

¹ Acadêmicas do curso de Psicologia da Universidade Paranaense; participante do Programa de Iniciação Científica da UNIPAR.

² Docente da Universidade Paranaense; orientador.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem por objetivo elucidar o conceito existencial de liberdade apresentado por Sartre, possibilitando também esclarecer alguns conceitos pertinentes a esta corrente filosófica, a saber: existência, liberdade e facticidade, projeto e fenomenologia. O movimento filosófico existencialista difundiu-se na Europa em um momento de crise em todas as esferas sociais, consequências da Segunda Guerra Mundial, a qual engendrou sentimentos de desespero, de descrença na ideologia burguesa e dos valores morais vigentes. Tendo surgido no século XIX, com o pensador dinamarquês Kierkegaard, foi com Sartre que o existencialismo alcançou seu apogeu, no século XX. Esta corrente filosófica ainda teve influência da fenomenologia de Husserl, método adotado para compreender e descrever os fenômenos tais como eles parecem ser, descartando a possibilidade de uma verdade anterior ou interior aos fatos. Para Sartre, o ponto central do pensamento existencialista é que a existência precede a essência, demarcando que não existe uma natureza humana, tampouco determinações anteriores à existência.

O existencialismo passou a ser compreendido como um estilo de vida, como um arsenal de comportamentos identificados àqueles excêntricos, subversivos, e contrários a qualquer moral. De modo bastante arbitrário, o existencialismo foi sendo erroneamente compreendido, a começar pelo próprio termo. O termo “existencialismo” se origina da palavra *existentia*, que em latim é derivada de *existere*, a qual significa sair de casa, de um esconderijo. Existência, portanto, é todo esse movimento para fora, esse voltar-se para algo que não é anterior à existência, que não é essência. Segundo Sartre, o homem nasce um “nada” de determinações, pois não possui um destino traçado a priori, ao contrário, passa a se construir a partir da livre escolha de seus projetos e consequentemente da possibilidade de alterá-los, conferida pela liberdade. Desse modo, estamos condenados a ser livres.

Além deste entendimento do existencialismo, este ainda foi compreendido e atacado como uma filosofia pessimista, devido à ênfase na responsabilidade do ser humano pelos seus atos. Se o ser humano é responsável por todos os seus atos, é construído nas suas escolhas, então não haveria instintos ou pré-determinações que pudessem justificar suas ações, e assim, o homem seria aquilo que fizesse de si mesmo, Sartre dizia que o covarde o é não por influência do meio, da sociedade ou por de-

terminismos orgânicos, mas que é responsável por sua própria covardia.³ Desta forma, o homem não foi planejado e é livre para se fazer a partir de suas escolhas. Temos então, como foco no existencialismo, a liberdade humana.

A liberdade existencial foi outro conceito mal compreendido, ou talvez confundido com as concepções já existentes (livre arbítrio, e liberdade do senso comum), o que concedeu ao existencialismo acusações de anarquismo e gratuidade, já que então cada um poderia fazer o que bem entender.

Assim, o presente artigo traz, como proposta, o esclarecimento deste conceito de Liberdade em Sartre, mais realista em relação à existência humana, bem como de outros conceitos a ela relacionados, caracterizando assim o existencialismo sartreano. Espera-se colaborar para uma compreensão mais aproximada do conceito proposto por esta corrente, e uma visão menos distorcida do próprio existencialismo.

1. Ontologia do SER : essencialismo X existencialismo

O que é o ser humano? Como se constitui, e como pode ser definido? Estas são perguntas “misteriosas” que a filosofia busca responder desde seus primórdios, através dos estudos ontológicos, ou estudos do ser. Haveria uma natureza humana? Uma finalidade para a existência do ser humano? Assim como as coisas são feitas para determinados fins, também seria o homem?

Tradicionalmente o homem era concebido como um ser com determinações prévias, teria individualmente uma história traçada pela qual atingiria seu fim como ser humano a partir desse “plano”, o que pode ser exemplificado pelas doutrinas cristãs, que elegem um deus-arquiteto do ser e a existência humana como uma espécie de “teste”, no qual o indivíduo, ao final, de acordo com a conduta, chegará ao paraíso ou ao inferno.

Outra vertente, porém, vem questionar esta posição de um ser determinado e com um fim, que deve descobrir sua interioridade. As concepções desta teoria analisam o homem por outro parâmetro, como um ser sem estes a priori. O ser humano não seria carregado de significado, fins e propósitos antes de sua existência, mas pelo contrário, primeiro seria “lançado” ao mundo, ou seja, existiria desprovido de fins e conteúdos, e só então faria com que estes fossem sendo estabelecidos.

As concepções tradicionais, por basearem-

³ Para aprofundamento das críticas feitas ao existencialismo, ler O Existencialismo é um Humanismo

se em uma essência inata do ser, são conhecidas como essencialistas. Já a última, que dá ênfase ao fato de o ser humano primeiro existir e somente em seguida constituir uma essência, é conhecida como existencialismo (PENHA,2001).

Essência refere-se ao que o ser é de fato, é aquilo que a coisa é, sem precisar de nada mais que a qualifique. A essência das coisas é encontrada quando se coloca entre parênteses todas as diferenças, chegando ao que todas elas têm em comum (PENHA,2001). Com os seres humanos não é possível abrir estes parênteses, pois, apesar de se construir uma essência, esta é inerente às vivências de cada um, não existindo uma que seja comum e determinante a todos.

Já no que concerne à existência, trata-se do concreto. Como exemplo citemos um objeto, uma mesa. Existem várias formas de mesas, com várias cores, feitas de diferentes matérias, e com os mais diversos tamanhos. Estas diferenças caracterizam a existência, porém, todas elas possuem algo em comum, o que são de fato ou o que podem vir a ser, ou seja, uma essência (PENHA,2001).

Estas teorias acima descritas, portanto, tratam de posições opostas, a primeira, defendendo uma essência anterior à existência, e a última, defendendo que, de início o ser existiria e depois construiria sua essência.

1.1. O existencialismo e a fenomenologia

O estudo que embasou o existencialismo é a fenomenologia⁴, e esta, em sua visão de mundo, dividiu os seres que o constituem em seres Em-Si e Para-Si, o primeiro conceito abrange tudo que existe no mundo, com exceção da consciência humana, que é entendida como Para-Si (PERDIGÃO, 1995).

Uma colocação da fenomenologia é que este ser Para-Si (consciência) não é dotado de uma interioridade, algo escondido que deveria ser descoberto. Não há uma realidade oculta no ser, ou seja, tudo que o ser é está no que aparenta, nos fenômenos (SANTANA,2005).

Sendo a realidade do Para-Si consciência, e considerando que toda consciência é consciência de algo, esta se apresenta absolutamente voltada a algo, ou seja, é intencional. Por não possuir conteúdo por si só, sempre que a consciência se volta-se para si mesma, na busca de algo original e anterior à existência, que pudesse fundamentar o ser, deparar-se-ia com o Nada, uma ausência de um ser

(SANTANA,2005). Seria, então, consciência de si apenas quando é consciente de um objeto.

“A consciência nada tem de substancial, é pura ‘aparência’, no sentido que só existe na medida que aparece” (SARTRE,2001, p. 28).

Apesar de desesperadora, esta posição dos fenomenólogos, ao afirmar que o ser humano é Nada (de predisposição), é aí que se encontra todo o fundamento do ser: a liberdade.

1.2. A liberdade

Liberdade é um vocábulo amplamente utilizado, e que no senso comum significa ausência de obstruções ou fronteiras que possam impedir algo, seja um movimento ou pensamento. O Moderno Dicionário da Língua Portuguesa traz a definição do termo da forma como é interpretado comumente:

“1 Estado de pessoa livre e isenta de restrição externa ou coação física ou moral. 2 Poder de exercer livremente a sua vontade.”

Fala-se, por exemplo, de liberdade de consciência, para adotar ou exercer as opiniões religiosas julgadas verdadeiras; liberdade de pensamento, ou direito que cada um tem de manifestar as suas opiniões políticas e religiosas. Todas as concepções de liberdade estão voltadas à manifestação sem impedimentos, e sem que exista punição. Diz-se que uma escolha é livre, quando não houve influência ou coação de outrem. Considera-se um sujeito livre, aquele que pode transitar na sociedade sem restrições. Diz-se normalmente “não sou livre para fazer isso” quando existe algo que dificulte ou impeça a realização do proposto. Deste ponto de vista, ser livre seria estar desimpedido física e psicologicamente.

Para Sartre, porém, a liberdade não assume este cunho, de realizar projetos, desejos ou vontades sem que haja impedimentos. Tal concepção é considerada pelo teórico uma liberdade de sonho (PERDIGÃO,1995). O êxito ou fracasso de um projeto não são importantes para o que Sartre chama de liberdade. São, na verdade, posteriores a ela. Liberdade seria “a faculdade de se conquistar o desejado, o dom de se obter os fins elegidos” “a verdadeira liberdade não é a liberdade de obtenção, mas a liberdade de eleição” (PERDIGÃO,1995,p. 89).

A liberdade, dentro da visão existencial, caracteriza-se pela possibilidade do ser Para-Si (consciência) planejar suas realizações, sem que haja uma natureza humana que o impeça disto. Sendo o Para-Si entendido como um Nada, não existiriam

⁴ Para melhor compreensão sobre a fenomenologia vide O Ser e o Nada, pg. 15 – 40; e O Existencialismo é um Humanismo, pg. 11 – 54.

conteúdos dados, ou inatos que o impulsionariam para esta ou aquela realização. Logo, o fato de ser Nada colocaria a consciência perante a possibilidade de planejar-se, construir-se, escolher-se.

Entendamos melhor. Diferentemente dos seres Em-Si, que possuem essência e por ela são determinados, os seres Para-Si, ou seres humanos, são “jogados” no mundo sem qualquer conteúdo, plano, interioridade ou fim, são simplesmente existências, e por isto é que são livres para fazerem de si o que bem “quiserem”, estabelecendo assim, na sua ação, suas essências.

Sartre, em um de seus mais conhecidos aforismos, dizia “Eu estou condenado a ser livre”, já que, nesta ausência de essência da consciência, esta se vê obrigada a projetar, a construir-se, já que a única escolha que não se pode fazer é a de não ser livre. O ser livre só pode existir porque, segundo ressaltado anteriormente, é Nada. Ou seja, não possui conteúdos a priori que determinam suas escolhas. Segundo Santana (2005), por ser faltante é que o ser humano se constitui como ser dos possíveis, existindo uma responsabilidade da consciência ou Para-Si em escolher o ser. Logo, o ser seria dotado da possibilidade de fazer-se (PERDIGÃO, 1995).

O fato de ser faltante (ou nada), ainda coloca este ser como inacabado. Não há um fim a atingir e pronto. Quando se chega ao fim estabelecido pelo projeto, se criam outros, e é esta possibilidade que caracteriza os humanos como livres, sermos seres faltantes: há sempre continuidade, só a morte pode por fim a isto (PERDIGÃO, 1995). Não há um projeto dado, não há um script a ser seguido, no qual a vivência caracterizar-se-ia apenas pelo cumprimento de tarefas. Há sim a falta desse script, uma existência cuja essência é construída nas escolhas. Logo, a cada vez que o ser agir, ou deparar-se com uma escolha, nada além do seu próprio projeto (construído após a existência estar dada) o fará optar por isto ou aquilo.

Liberdade é esta capacidade do ser: constantemente transcender-se rumo aos possíveis, ao nada, àquilo que ainda não existe, e a partir disto motivar-se para o ato. Entende-se que, caso o ser fosse determinado, essa análise de possibilidades não existiria ou pouco adiantaria, pois sua resposta já estaria dada (SARTRE, 2001). É importante dizer que a liberdade à qual o ser humano está condenado, subentende que todos os possíveis não são realizados, pois se o fossem não existiria liberdade, haveria sim essência: o ser já estaria determinado a realizar tudo que lhe fosse possível. Não haveria escolha (PERDIGÃO, 1995).

Como dito, é o homem que se escolhe, e as-

sim constrói sua essência, não se pode conceber que um indivíduo possua uma essência se não existe um processo optativo. Deve haver situações conflituosas que se apresentem como obstáculos e assim possa ser feita uma escolha, e, aí sim, haver essência. Logo, a liberdade só existe se existem obstáculos. “A liberdade humana precede a essência do homem e torna-a possível: a essência do ser humano acha-se em suspenso na liberdade” (SARTRE, 2001, p. 68).

1.3. A construção de uma essência

Esse nada do ser, citado anteriormente, não é uma essência do ser, pois, se fosse, o ser estaria petrificado, seria sempre nada e nada além disso. Porém, a realidade humana não se mantém no nada. Ela se define no fazer, tomando forma, sentido, essência. “Assim, o homem, que de início nada é, irá definir-se pela sucessão de seus atos, pela série de opções que ele faz em face de cada situação concreta” (PERDIGÃO, 1995, pg. 91).

Neste processo de fazer-se livremente que o ser humano constituiria sua essência, não uma essência no sentido de ser, mas de “tendo sido” (SANTANA, 2005). O homem escolhe sua essência e busca realizá-la. Segundo Penha (2001), a aquisição da essência se dá a partir das escolhas, entre as alternativas com que se defronta, e do projeto, ou seja, ações que visam um fim ainda não existente. “O homem nada mais é do que aquilo que faz de si mesmo” (SARTRE, 1987, pg. 06).

O homem está, na verdade, em uma busca constante por preencher este nada, e fundamental para isso é a ação, o projetar. Para entender essa importância da ação, devemos lembrar que, para Sartre, o ser é o fenômeno, logo, o que existe de ser é o que este ser faz. Não pode existir um ser das ideias, pois se está apenas nas ideias, não é. Imprescindível que exista ação, portanto. Como o ser é nada e está desde o princípio buscando a que voltar-se, no intuito de preencher-se, sempre possuirá finalidades, mesmo que irrefletidas, e suas ações serão direcionadas para essas finalidades.

Entende-se desta forma que o agir nunca é fortuito, é sempre direcionado a alguma finalidade estabelecida, refletida ou irrefletidamente, pelo Para-Si. Sartre dizia que a ação não seria algo determinado pelo interior (não há interior oculto e anterior à existência), como já dito, muito menos desprovida completamente de sentido ou relação com o ser existente (como os partidários da liberdade de indiferença pregam), seria sim voltada para o exterior, para a falta do sujeito. A ação sempre buscaria suprir o nada. A ação é a escolha em si, pois não pode haver

escolha sem ação.

Pode o homem então, sendo livre, agir da forma que bem entende, no sentido de que qualquer de suas ações poderia ser de outra forma, ou seja, totalmente desprovida de fundamentos ou motivos que o levassem a tal? Conforme o exposto acima, de que a ação implica uma finalidade, a resposta é não. Não deve existir apenas uma finalidade, mas deve também existir “uma coerência interna, uma maneira própria de ser de cada pessoa” (PERDIGÃO, 1995, p.105), pois cada ato possui uma significação, uma eleição originária de si, que fundamente estas escolhas: o projeto fundamental.

Logo, a ação teria a “função” de preencher o nada, mas não de uma forma qualquer. Ela se guia por finalidades, estas decorrentes de um planejamento maior: o projeto fundamental. Todo ato é guiado por motivos, e estes são construídos pelo projeto do sujeito (SARTRE, 2001). A essência surge como resultante de seus atos (PENHA, 2001).

Se a essência do homem é posterior à existência, então, é de responsabilidade deste o que faz de si, e, ao fazer suas escolhas, opta não apenas por si, mas por toda a humanidade, pois escolhe um modelo de homem. Sartre (1987) exemplifica esta escolha universal com o operário que escolhe aderir a um sindicato cristão, em vez de ser comunista, e quando faz tal escolha, considera o caminho da resignação como o adequado ao homem, logo, não está engajando apenas a si, mas a todos os homens.

2. A essência e o projeto fundamental

O Existente Humano, sendo Nada, tem desejo, no sentido de que busca preencher o vazio, porém, sem perder-se enquanto consciência. Logo, estabelece um projeto de Ser, sua meta principal, que guia os projetos do indivíduo, ou seja, suas ações. O projeto fundamental constitui-se, em sentido geral, de cada projeto humano, como uma estrutura finalista que em nada limita a liberdade, já que é o próprio Para-Si que o estabelece.

Este projeto não é imutável, pode ser alterado ao longo da vivência, e possui natureza não-cognoscente, o que implica que não estamos exatamente cientes dele o tempo todo. Também não é algo anterior às ações. Ele é concomitante. É ele o responsável por não agirmos de forma incoerente e aleatória (PERDIGÃO, 1995). Sendo, pois, o ser livre e toda sua ação necessariamente intencional (voltada para o exterior), quando ajo o faço em relação a um fim, e este é constituído por voltar minha consciência ao não existente, ainda, ao desejável e não realizado, devidamente direcionado pelo meu projeto

original (SARTRE, 2001). Logo, a constituição da essência do ser dá-se pela ação deste ser, orientada pelo projeto fundamental, sendo a construção deste também concomitante à ação (PENHA, 2001).

Segundo Perdigão (1995), o ser Para-Si busca constantemente preencher este vazio com coisas, a fim de agregar conteúdos através da posse, pois lhe parece que, ao possuir algo, isto se apresenta como seu, assim tornando-se parte do Para-Si. “Assim, podemos determinar o projeto fundamental de cada pessoa pelo objetos que ela escolheu possuir” (PERDIGÃO, 1995, p. 110).

Segundo Burstow (2000), este projeto que orienta as ações do Ser pode ser dividido em dois momentos. O primeiro deles, que é construído pelo sujeito desde a infância, através do “lidar com o seu redor”, é carente de liberdade e autenticidade, é elaborado sob influência do projeto dos pais. O segundo é estabelecido por uma conversão radical, na qual o indivíduo, corrompido, inautêntico, precisa resgatar-se, assumir seu projeto de forma consciente. Os projetos, ou ações, do indivíduo são decorrentes desse projeto orientador. Logo, se permanece projeto inautêntico e irrefletido, o que se segue são apenas expressões irrefletidas deste (BURSTOW, 2000).

3. A liberdade e seus obstáculos

Foi dito anteriormente que a liberdade é capacidade do Ser de eleger suas metas, já que é nada de predeterminação, não possui natureza. Ainda, que ao escolher o indivíduo não o faz de forma aleatória, como se cada escolha pudesse ser outra qualquer, e sim, de acordo com uma coerência do sujeito. Este processo de fazer-se do sujeito encontra ainda alguns limitantes/barreiras que interferem no processo de escolha, mas que, de forma alguma, fazem com que o sujeito deixe de ser livre para escolher. Estes limitantes são apenas conflitos que se apresentam no processo de escolha, e de fazer-se. Os limitantes são nomeados facticidades, pela fenomenologia existencial.

As limitações à concretização dos projetos, que, no senso comum, são as grandes vilãs da perda da liberdade, são nesta visão decorrentes da escolha do “rumo”, não sendo por si só empecilhos. Por exemplo, quando escolho livremente escalar a montanha como meu projeto é que minha falta de preparo físico, o caminho cheio de pedras e a distância até o topo tornam-se limites (SARTRE, 2001). As adversidades das coisas não podem de modo algum extrair a nossa liberdade, pois o coeficiente de adversidade das coisas só existe através do posicionamento de um fim. Assim, os objetos em si mesmos nada são.

Assumem uma propriedade neutra, e é só a partir de uma iluminação que irão manifestar-se desta ou daquela maneira.

Só existe liberdade em situação e situação em liberdade, pois a humanidade encontra resistências as quais não criou, mas que estas “só têm sentido na e pela livre escolha que a realidade humana é” (SARTRE, 2000, p.602). Desta forma, é a própria liberdade que encontra os obstáculos resistentes a si, e esta não poderia existir se não fosse restringida. A liberdade é escolha, e só é verdadeiramente livre porque constitui “a facticidade como sua própria restrição” (SARTRE, 2000, p. 609).

Apesar de haver, já construído ao nascermos, todo um mundo, uma cultura, os caminhos da história, os meios de sobrevivência, as outras pessoas, o lugar que ocupamos no mundo e todos os aparatos os quais utilizamos, tais facticidades não eximem ninguém de ser livre. De fato, tudo isso pode sim “limitar” a minha liberdade, mas como já exposto, tal limite nada mais é do que uma resistência que minha própria liberdade impôs ou encontrou a partir do projeto. A liberdade só é possível através das resistências, e nas situações. Portanto, é a partir do surgimento da liberdade que o mundo revela as resistências que podem tornar um fim possível de se realizar ou não. É através da iluminação dos fins que surgem as resistências no mundo (PERDIGÃO, 1995). Contudo, no senso comum entende-se por resistente aquilo que se opõe como algo antagônico à liberdade, mas Sartre (apud BURSTOW, 2000) entende a resistência como algo que torna possível a liberdade, pois é a partir dos em-si das coisas com fim pré-determinado - que a liberdade, surge como liberdade. (SANTANA, 2005, p.109).

Não há liberdade a não ser em situação, e nem situação sem liberdade, pois no mundo encontram-se obstáculos que minha liberdade não criou. Todavia, estes obstáculos só se mostram como obstáculos pela livre escolha da liberdade. Assim, por exemplo, se um determinado rochedo aparece como não escalável, significa que tal rochedo está sob a luz de uma escalada projetada - que faz parte do projeto - e se destaca pela escolha inicial da liberdade. Desta forma, a resistência do rochedo à escalada só se manifesta se for integrado pela liberdade em uma situação. “É somente no e pelo livre surgimento de uma liberdade que o mundo desenvolve e revela as resistências que podem tornar irrealizável o fim projetado” (SARTRE, 2000. p. 601).

De fato, aquilo que é obstáculo para um, não o é para outrem, pois não há obstáculo absoluto, visto que o seu grau de adversidade revela-se através do fim posicionado pela liberdade. Portanto, até aqui en-

tende-se que somos livres porque existe um mundo resistente à liberdade e é neste mundo que estamos situados, assim o lugar que ocupo, o nosso corpo, os outros, o passado imutável, enfim, tudo isto define e estrutura nossa situação. A seguir serão abordadas, e brevemente explanadas, algumas estruturas da situação.

3.1 O lugar que ocupamos no mundo

Nascemos em algum lugar, estamos situados em algum lugar: tal facticidade é inegável. Se estou em determinado lugar não posso estar em outro, somente porque assim minha consciência decidiu. Todavia, meu lugar não constrange minha liberdade, posto que o lugar só pode existir a partir da liberdade do Para-Si, pois as coisas, os lugares em si mesmos não têm significado, não têm sentido ao não ser pelo livre projeto. “É à luz do fim que meu lugar adquire significação. Porque jamais posso ser simplesmente aí: meu lugar é captado, precisamente, como um exílio, ou, ao oposto, como um lugar natural, tranquilizador” (SARTRE, 2000, p. 606).

É somente através dos fins posicionados, do meu futuro, do meu projeto, que meu lugar assume suas qualidades e eu assumo certa posição.

3.2 Nosso passado

Para Sartre (2000), o nosso passado jamais pode determinar o nosso futuro, pois aquilo que é (o passado) não pode atuar sobre aquilo que não é (o futuro). Contudo, para que haja escolha, para que se possa prefigurar o futuro, é indispensável haver também um passado, pois este toma a qualidade de imutável, que por sua vez pode ser mudado. Assim, toda e qualquer mudança só se torna possível a partir daquilo que é e permanece sempre a mesma coisa.

O passado não pode ser mudado, isto é fato inegável. Todavia, somente a partir dele é que tomamos nossas decisões, pois a sua presença está marcada em todos os nossos projetos. “Assim, para que o futuro seja realizável, é preciso que o passado seja irremediável” (SARTRE, 2000, p. 611). As escolhas feitas no presente, visando às finalidades a que pretendemos – à luz do projeto – são feitas em função do passado, visto que este último só é o que é em relação ao fim escolhido.

O modo com que significo meu passado é dependente do meu presente. Isto não quer dizer que posso variar de acordo com meus caprichos o sentido de meus atos anteriores, mas “o projeto fundamental que sou decide absolutamente acerca da significação que possa ter para mim e para os outros o passado

que tenho-de-ser" (SARTRE, 2000, p. 612).

Portanto, o sentido que damos ao passado "vem do futuro", e todas as escolhas feitas outrora no pretérito pesam hoje no presente. Mas, sem dúvida alguma, se (re)assumimos, se mantemos tais escolhas no presente é porque estas estão comprometidas com o nosso projeto.

3.3 Os outros

Com a existência dos outros o nosso projeto já não é mais solitário, pois o mundo já está dotado de significados, já estão criados os objetos, os utensílios os quais não escolhemos. Assim, nascemos em uma cultura, em uma religião, com um nome não escolhido por nós, em uma certa classe social, enfim, em "meios" não significados por nós, mas este mundo de antemão não limita nossa liberdade. Tudo isso porque as coisas, os utensílios, as técnicas não são autossuficientes, não agem por si próprias, pois "nenhuma técnica pode preexistir ao uso que dela fazemos: sua existência depende do nosso projeto" (PERDIGÃO, 1995, p. 99).

Sabe-se, segundo Sartre apud Perdigão (1995, p. 136), que o ser humano é um sujeito único, por isso pode ser estudado de forma isolada, exaltando a peculiaridade de seu ser. Contudo, esse humano, enquanto consciência, ou seja, o Para-Si, não pode ser entendido sozinho, pois convivemos com inúmeras consciências, isto é, somos seres em relação. Deparamos, inevitavelmente, com a existência do Outro no mundo e sua consequente importância em nossa existência. Sei que esse corpo que se move ao meu redor e tantos outros, não sou eu. Logo, certifico-me de que não só a minha consciência existe no mundo, mas muitas outras.

Conforme o mesmo autor, essa constituição corpórea e biológica do Outro é fato e, como tal, inegável fundamental para que eu me situe no tempo e no espaço, os quais não são ocupados só pela presença de meu corpo, mas também pela presença do corpo do Outro, limitando minha ocupação em um determinado local. Porém, quando estamos frente a frente, não vejo o Outro como corpo-biológico, mas algo que me é ausente à anatomia dos olhos. Capto algo que transcende o que me é apresentado a priori. Não vejo seus olhos e sim seu olhar, não me prendo ao rubor de sua face e sim em sua vergonha nascida por minha presença (p.137).

É por esse impacto que o Outro me causa, que Sartre em sua obra *O Ser e o Nada* (1997, p.289-290) ressalta que a vergonha não é um fenômeno de reflexão, pois em sua estrutura primeiro é vergonha diante de alguém, ou seja, não tenho vergonha de

mim estando sozinho. Assim, sou livre de qualquer julgamento, o qual só me vem quando o Outro está presente.

Reconheço no Outro um Para-Si igual a mim, um Ser que, assim como eu, é dotado de consciência e intenção de agir no mundo e de fazer dele o lugar para realizar seus projetos, idéias e vontades, mas que não são meus. Por isso, ainda que eu queira conhecê-lo profundamente, jamais poderei adentrar a essência de seu Ser, ou seja, nunca saberei realmente quem é esse Outro que vejo e que é visto por mim, simplesmente porque eu não sou o Outro e, sendo assim, não tenho acesso à sua verdade. Esse conhecimento que tenho da existência do Outro se dá a partir de meu nascimento, quando dependo dele não só para sobreviver, mas também para me tornar humano. À medida que me relaciono com ele dessa maneira, eu e o Outro formamos a realidade humana (PERDIGÃO, p.137-138).

Diferencio-me do Outro no momento em que dirige a mim seu Olhar e me faz então objeto dele, isto é, à medida que sou visto pelo Outro estou sendo descoberto por ele, o que sou não pertence mais somente a mim, mas ao Outro que me exterioriza, mostrando o que sou a partir da concepção que tem de mim. Todavia, esse Outro que me vê também é visto por mim e consequentemente vê-se revelado a mim (139).

É no contato com o Outro que me descubro sendo visto por ele. Seu Olhar põe o que, antes dele, era meu para fora, agora sou externo e graças ao Outro que me revela, concebo-me como um corpo em movimento, um Ser no mundo (141-142).

O Outro me constitui um novo tipo de Ser que "deve sustentar qualidades novas, este novo Ser que aparece no Outro não reside no Outro, eu sou responsável por ele", mas preciso do Outro para captar estruturas em meu Ser (*O Ser e o Nada*, p.290-291). É como se somente o Outro, por ser diferente de mim, pudesse saber o que sou quando estou diante dele.

Sartre (1997, p.328-333) explica que o Outro não é algo místico, fruto de minha imaginação, mas uma realidade humana que se faz existir em meu cotidiano, uma pessoa com a qual me relaciono recebendo julgamentos e valores, os quais podem ser verdadeiros. Podem, porque, uma vez que o Outro me concebe por meio do seu Olhar, aquilo que vê e pensa conhecer de mim, de forma geral, não condiz com aquilo que vejo e penso sobre mim, pois, na verdade, o que o Outro vê de mim, assim como o que vejo do Outro, é apenas uma representação, uma amostra das inúmeras facetas dessa pessoa, do Para-Si que se desvela e se vê sendo visto pelo Outro, ainda que por representação lhe diz quem sou

perante seu Olhar e assim me constitui pessoa frente ao mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A liberdade na concepção existencial trata-se, portanto, da capacidade do ser humano fazer-se continuamente, e não de realizar os possíveis, como diria o senso comum. Ser livre não é opcional, é algo inerente à existência. Assim, segundo Sartre, estamos condenados a ser livres, e a única escolha que não se pode fazer é a de não ser livre. Tal concepção de liberdade só é possível pela valorização da subjetividade em detrimento dos determinismos. O existencialismo contradizia as teorias tradicionais, que pregavam uma essência do ser humano, e valorizava a existência. O ser humano primeiro existe e depois se faz.

O fazer-se ou o construir da própria essência consiste em um projeto, é o movimento pelo qual a consciência busca preencher o vazio refletido ou irrefletidamente. Assim, não existiria ação que não fosse determinada por uma finalidade, desprovida de sentido ou relação com o ser existente. Seriam todas decorrentes de uma escolha maior, o projeto.

Ressalta-se a importância das facticidades no projetar: em-si que a liberdade não criou e que com seu caráter de barreira à realização fazem com que a liberdade seja exercida. Entende-se que somente porque existem barreiras (passado, o lugar, o outro) é que a liberdade existe, já que, caso contrário (se tudo fosse possível e não houvessem empecilhos às realizações), o ser humano não teria pelo que optar, seria completude.

Esclarecendo este conceito de liberdade, espera-se que haja uma percepção do existencialismo como uma teoria com uma visão realista em relação ao ser humano, e não pessimista como por vezes é entendida. O existencialismo, de fato, despiu o ser humano ao não dar suporte às motivações ditas incontroláveis, ou instintivas, já que muitas ações comumente são atribuídas a motivos desta natureza, afirmando que os motivos para os atos são sempre conscientes e controláveis, que a responsabilidade é do homem, pois este é livre para fazer-se e não um emaranhado de instintos e determinações. Logo, para esta teoria o homem não é regido por paixões, mas é responsável por suas próprias paixões.

Sartre (1987) dizia que o existencialismo não era um pessimismo, mas um duro otimismo, ao atribuir ao próprio sujeito e nada mais a possibilidade de fazer-se covarde ou herói, enquanto as vertentes deterministas diriam “aí está, somos assim, e ninguém pode fazer mais nada” (p.14).

REFERÊNCIAS

BURSTOW, B. A filosofia sartreana como fundamento da educação. **Educação & sociedade**, n. 70, a. 21, p.103-126, abr. 2000.

MODERNO dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2007. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em: maio 2008.

PENHA, J. **O que é existencialismo?** São Paulo: Brasiliense, 2001. v. 61. (Coleção Primeiros Passos).

PERDIGÃO, P. **Existência e liberdade**: uma introdução à filosofia de Sartre. Porto Alegre: L&PM. 1995.

SANTANA, M. R. de. (Org.). Nada como princípio metafísico na constituição da consciência em Sartre. **Revista Urutágua**, Maringá, n. 6, abr./jul. 2005.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. O existencialismo é um humanismo. 3. ed. Tradução Rita Correia Guedes. São Paulo: Nova Cultural, 1987.